

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA “IDEOLOGIA DE GÊNERO” EM UM GRUPO CONSERVADOR DO FACEBOOK

Eixo Temático 28 – Ofensivas Antigênero: Atores, Dinâmicas e Políticas

Lilian de Oliveira Lino ¹

RESUMO

Os discursos antigênero avançam pelas mídias sociais, levando-nos a inferir que estes se solidificam na subjetividade coletiva de modo que é possível considerar que esse sintagma constitui uma representação social. Este artigo buscou verificar a representação social do sintagma “ideologia de gênero” em um grupo da rede social Facebook, por meio da Teoria das Representações Sociais, analisando imagens que fazem menção a “ideologia de gênero”. As RS de “ideologia de gênero” compartilhadas por essa página foram publicadas sob o tom de pânico e utilizou como artifício imagens que despertam sentimentos de revolta, o que nos permite compreender que essa estratégia, de despertar repulsa e medo, contribuem para sustentar no imaginário das pessoas o perigo representado por essa ideologia.

Palavras-chave: Representações Sociais; Ideologia de gênero; Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, temos presenciado em diferentes setores da sociedade o debate acerca da “ideologia de gênero”. Tal tema, recheado de polêmica, tem tido a capacidade de suscitar pânico moral e mobilizar ações de enfrentamento para o perigo iminente que essa ideologia representa para a sociedade.

Com base nesses acontecimentos, diversos pesquisadores têm voltado suas pesquisas a fim de compreender a genealogia desse sintagma, assim como os mecanismos que possibilitaram o espraiamento dessa narrativa com tamanha intensidade. Como exemplo de pesquisas que procuram compreender esse fenômeno, destacam-se os trabalhos de JUNQUEIRA, 2018; MACHADO, 2018; MISKOLCI, 2017, 2018; PATERNOTTE & KUCHAR, 2018 e PRADO & CORREA, 2018.

¹ Mestranda do Curso de **Educação Sexual** da Universidade Estadual Paulista - SP, lilianlino2@hotmail.com;

Sob esta perspectiva, este trabalho buscou verificar a representação social do sintagma “ideologia de gênero” em um grupo da rede social Facebook, por meio da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978), utilizando imagens que fazem menção ao sintagma “ideologia de gênero”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esse sintagma tem sua origem em princípios dogmáticos que surgem amparados por setores conservadores da religião católica. Surgiu como movimento reacionário em oposição às conquistas relacionadas aos direitos sexuais, reprodutivos e de organização familiar, que marcaram a década de 1970 (PRADO & CORREA, 2018).

Atualmente, observamos que existe uma cruzada articulada por diferentes grupos e interesses que ultrapassam o campo semântico e argumentativo em torno do tema da sexualidade. Prado e Correa (2018) apontam que mesmo originárias da religião católica, os movimentos reacionários cresceram e se tornaram ecumênicos sendo representados por diferentes grupos de acordo com o local ao qual pertencem.

Criado em contraposição aos estudos sobre sexualidade e gênero que compõem as bases que o feminismo buscou para desconstruir a visão binária e biológica em torno da sexualidade humana, os discursos antigênero procuram relativizar e desconsiderar a pluralidade e complexidade das pesquisas, reclassificando esses estudos como sendo de uma ordem ideológica que procura impor novas regras sociais consideradas antinaturais (PATERNOTTE & KUHAR, 2018).

Junqueira (2018) ressalta que as formulações dos discursos antigênero, além de serem metadiscursivas, possuem um caráter paródico, pois ao reconstruírem o discurso adversário, os deformam e os apossam de significados caricatos, grotescos e escandalísticos.

Uma estratégia frequentemente utilizada por integrantes da cruzada antigênero, é o de despertar pânico frente às possíveis mudanças sociais que podem ser desencadeadas por uma possível tomada de poder pelos supostos defensores da “ideologia de gênero”. No livro "Ideologia de Gênero: Entendendo o que é e qual a sua responsabilidade" (Lemos & Carvalho, 2020), Damares Alves, afirma ter como prioridade a luta contra os pressupostos de uma ideologia que visa desmontar os

alicerces da família tradicional, expondo as crianças cada vez mais cedo a conteúdos e opções sexuais, até mesmo a pedofilia.

Essas representações se tratam de uma falácia criada por grupos antigênero, que se firmam em discursos como da (...) “destruição da família “tradicional”, à legalização da pedofilia, ao fim da “ordem natural” e das relações entre os gêneros”. São discursos que negam existir discriminação e violência de gênero comprovadas por dados oficiais e estudos, usam de desonestidade intelectual, replicando argumentos sem fundamentação científica pelas mídias sociais que acabam sendo aceitos como verdades (REIS & EGGERT, 2017, p. 20).

Estes discursos demonstram a persistência dos grupos antigênero, em desviar o foco das verdadeiras intenções do ativismo feminista e estudos sobre gênero e sexualidade, que são a inclusão dessas pautas na agenda dos Direitos Humanos na busca pelo respeito à diversidade sexual e de gênero, assim constroem um enredo de ameaça e abuso à população infantil, por meio da disseminação de pânicos morais que contribuem “para a disseminação de preconceitos, reiterando perseguições agressivas a alvos momentâneos e até forçando limites ao livre pensamento.” (BALIEIRO, 2018, p. 14).

O pânico moral torna-se evidente no momento em que a apreensão aumenta em relação desproporcional ao perigo real e provoca reações coletivas igualmente desproporcionais. Os pânicos morais são estruturados por meio de uma política simbólica de substituição, na qual um determinado grupo de interesse dá foco para um assunto, quando na realidade ele representa outra questão (MISKOLCI, 2007).

Observamos que discursos antigênero avançam pelas mídias sociais e adentram pautas legislativas dos municípios brasileiros, levando-nos a inferir que estes se solidificam na subjetividade coletiva de modo que é possível considerar que esse sintagma constitui uma representação social.

METODOLOGIA

Posto que as redes sociais se constituem por grupos que possuem afinidades, acreditamos que estes também podem ser compreendidos como pontos de representações sociais, assim tomaremos como objeto de pesquisa a representação social do sintagma “ideologia de gênero”.

A concepção sobre “ideologia de gênero” pode ser considerada uma representação social pela maneira como esse sintagma se constitui e se distribui pelas redes sociais por intermédio das interações que o meio digital disponibiliza. Partindo de uma manifestação psicológica e social do real, os meios de comunicação em massa são auxiliares para a formação de representações, que se constituem como um produto e simultaneamente como um processo elaborado (ARRUDA, 1992). Nesse sentido, as representações sociais constituem um conjunto de conceitos, proposições, explicações, elementos simbólicos e culturais construídos pelas interações sociais do cotidiano, que apesar das constantes mudanças sociais, atravessam a sociedade no decorrer dos anos.

Moscovici (1978) desenvolveu a Teoria das Representações Sociais (RS), partindo da noção de representações coletivas de Emile Durkheim. Para este autor, ao passo que as representações coletivas são produtos da repressão vivenciada pelo sujeito como integrante da sociedade ao qual pertence, as RS são produtos de duas ações em que o sujeito é participante ativo de sua edificação: a objetivação e a ancoragem. Quanto à objetivação, podemos compreendê-la pela maneira como o indivíduo materializa um objeto abstrato, conduzindo-o para sua realidade, já a ancoragem seria o modo pelo qual esse indivíduo introduz sentido ao objeto representado, compreendendo-o conforme suas experiências sociais.

As representações são sociais, uma vez que as pessoas compartilham seus conhecimentos e se apoiam tanto mútua quanto conflituosamente para compreender, administrar ou enfrentar o que está ao seu entorno (JODELET, 2001).

Jodelet (2001, p. 22) explica que as RS representam “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

As RS propagadas pelas interações entre os sujeitos nas redes sociais desempenham forte influência na construção do imaginário social enquanto são simultaneamente influenciadas por ele. As representações e o imaginário se encontram no nível do simbólico e estes reúnem, elementos naturais, psicológicos e sociais, e juntos compõem o entrelaçamento das relações e as significações que auxiliam as pessoas mediante suas práticas discursivas.

A esse respeito, no que tange a esse sintagma arraigado de natureza social e cultural, pretendemos responder qual é a sua representação social e observar de que

modo as pessoas objetivam as imagens e discursos e quais significações ocorrem e auxiliam para a ancoragem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para essa análise foram selecionadas imagens de uma página do Facebook que se autodefine como conservadora. O critério utilizado para a seleção das imagens é que contivessem o sintagma “ideologia de gênero” interligado a uma narrativa.

O grupo, objeto desse estudo está presente na rede social Facebook desde 31 de julho de 2021 e possui 558 membros, é uma página pública, portanto, qualquer indivíduo pode acessar, visualizar, comentar e compartilhar seu conteúdo.

Esta página visa defender os costumes tradicionais em oposição a quaisquer tipos de movimentos “revolucionários” e de política “progressista”, ou seja, possui um discurso de vertente conservadora, cujo objetivo é a defesa pela permanência de padrões tradicionais relacionados à família, moral e religião. Além dos criadores da página, os membros que interagem são participantes dessa construção e responsáveis pela disseminação desse tipo de representação, uma vez que percebemos a colaboração desses sujeitos na constituição das suas próprias realidades sociais, como ocorre, nesse aspecto, em um processo ativo de preservação da página por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários.

No momento em que essa página foi criada, a cidade localizada no interior de São Paulo, que a representa, vivenciou manifestações antigênero compostas por diferentes setores, contrários a um projeto de lei que visava a criação de uma semana LGBT de combate ao preconceito. Vários discursos foram construídos e propagados acerca do projeto e uma das estratégias desses movimentos foi a utilização das redes sociais. No auge dos movimentos contra o projeto, a página publicou imagens contendo a narrativa sobre “ideologia de gênero” e duas dessas imagens foram selecionadas para a análise.

Figura 1



Figura 2



A figura 1 é a foto um cartaz colocado em via pública e ao fundo há um pano com as duas cores da bandeira do Brasil, no atual governo, as cores da bandeira representam o patriotismo, ou melhor, a devoção pela pátria. O discurso contido na figura 1, “Não a ideologia de gênero para as crianças! Deixem nossas crianças em paz” se apresenta pela representação social do perigo de que essa ideologia faça parte do currículo escolar, por meio da educação sexual. O “Basta!” mostra que pautas referentes à educação sexual, diversidade de gênero não serão aceitas no município.

A figura 2 é a divulgação de um convite para a manifestação contra o projeto de lei, nela há a imagem de uma criança com os olhos cheios de lágrimas com a mão de um adulto tapando sua boca, impedindo-a de pedir socorro, uma imagem impactante, capaz de despertar um sentimento de revolta para quem a vê. O enunciado “Professor ensina, família educa” se remete ao fato de que a educação sexual fica a cargo da família e que ao professor cabe ensinar conteúdos formais. Logo abaixo do enunciado há o símbolo que representa o comunismo com o sinal de proibição que pretende demonstrar às pessoas que essa ideologia é vinculada ao comunismo, portanto, é a representação da ideologia ligada a políticas de esquerda. O enunciado “Não a ideologia de gênero disfarçada”, refere-se ao trabalho nas escolas para o combate a homofobia, que seria o mesmo que submeter às crianças ao ensino de uma ideologia disfarçada de seu significado real.

As RS de “ideologia de gênero” compartilhadas por essa página foram publicadas sob o tom de pânico e usou como artifício imagens que despertam sentimentos de revolta, o que pode nos levar a compreender que essa estratégia, de despertar repulsa e medo, contribuem para sustentar no imaginário das pessoas o perigo de que essa ideologia seja aprovada.

A “ideologia de gênero” representada socialmente nessa página é a de uma ideologia perigosa, principalmente aos mais jovens, que objetiva destruir os padrões tradicionais sobre sexualidade, família, educação e religião, colocando-a numa posição contrária aos comportamentos, valores e crenças considerados inquestionáveis, assim, pode não ser somente uma representação social construída e compartilhada, mas são também mantidas e disseminadas com finalidades políticas e religiosas de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar o risco que se oculta por trás da representação social trazida pelo sintagma “ideologia de gênero”. O risco da naturalização desse tipo de narrativa recair negativamente sobre a educação sexual, o gênero e a sexualidade, que acabam representadas em frases do tipo: “Não mexam com nossas crianças; Professor ensina, família educa”. Tais discursos constroem representações sociais de uma ameaça iminente, perigosa e destrutiva para a sociedade.

Esses movimentos se utilizam de estratégias para disseminar discursos, e atualmente encontram facilidade por meio das redes sociais, que por serem pontos de representações sociais, devem ter por parte dos cientistas, um olhar mais aprofundado para compreender a utilização desse meio como estratégia dos movimentos antigênero de influenciar subjetivamente os indivíduos.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A. Representações sociais: emergência e conflito na psicologia social. In. *Revista Laboratório e Política*. Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, p. 115-131, dez/ 1992.

BALIEIRO, F. de F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n.53, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653414>. Acesso em: 11 jul. 2022.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.) *As representações sociais*. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.17- 44.

JUNQUEIRA, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jul. 2022.

LEMOS, A; CARVALHO R. Ideologia de gênero. Entendendo o que é e qual a sua responsabilidade. Editora CPAD, 2020.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*. 2007, n. 28 [Acessado 10 Julho 2022], pp. 101-128. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006>>. Epub 13 Jul 2007. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006>.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PATERNOTTE, D; KUHAR, R. "**Ideologia de gênero**" em movimento. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 503-523, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jul. 2022.

REIS, T. e EGGERT, E. IDEOLOGIA DE GÊNERO: UMA FALÁCIA CONSTRUÍDA SOBRE OS PLANOS DE EDUCAÇÃO BRASILEIROS. *Educação & Sociedade*. 2017, v. 38, n. 138 [Acessado 11 Julho 2022], pp. 09-26. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017165522>>. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017165522>.